

## NO LIMIAR ENTRE A LOUCURA E A RAZÃO: A OBRA (Uma breve análise de *Cemitério dos vivos* e de *Diário do hospício*)

Mestranda Isabelle Meira Christ (UERJ)<sup>1</sup>

### Resumo:

*Por meio de uma análise dos escritos de Lima Barreto: O Cemitério dos vivos (romance) e Diário do hospício (diário), intentamos sustentar a tese de que O Cemitério dos vivos surge de uma experiência de Lima Barreto com a “loucura”, com os loucos; mas segue para além disso. Algo se passa no limiar entre razão loucura, esse algo é a obra. Para tal leitura, recorremos ao filósofo Michel Foucault.*

**Palavras-chave:** Lima Barreto, loucura, experiência, literatura, filosofia.

### Introdução

Um grande transatlântico sai, vai vagaroso, vai para o mar largo que se estende pelas cinco partes do mundo; beija-lhes e morde-lhes a praia. Corre perigo, mas está solto, entre dois infinitos; como diz o poeta: o mar e o céu.

Vicente Mascarenhas

Estou entre mais de uma centena de homens, entre os quais passo como um ser estranho. Não seria bem isso, pois vejo bem que são meus semelhantes. Eu passo e perpasso por eles como um ser vivente entre sombras – mas que sombras, que espíritos?!

Lima Barreto

Este artigo é uma breve análise dos escritos de Lima Barreto: *Cemitério dos vivos* (romance) e *Diário do hospício* (diário). Trata-se de um estudo sobre convergências e ultrapassamentos. As convergências entre os dois textos do autor e o diferencial que faz nascer o romance. Como base teórica, utilizamos, principalmente, a filosofia de Michel Foucault.

Dividimos este texto em três partes.

Em um primeiro momento, realizamos uma leitura dos relatos do autor Lima Barreto sobre sua internação num hospital psiquiátrico conjugada com o que diz a filosofia sobre as relações de poder que permeiam as definições de loucura. Com isso, buscamos demonstrar como a definição de loucura está de acordo com as relações de força em uma sociedade.

Em um segundo momento, marcamos alguns pontos de contato entre o diário e o romance, ou seja, suas convergências. Seguindo os indícios dos problemas que o possam ter feito desejar uma outra vida, uma nova vida. Destacando as pistas que apontam para um esgotamento.

E, por último, em um terceiro momento, apontamos para diferenças entre o diário e o romance, que fazem com que o romance seja algo para além das experiências e relatos do hospício. Aproximaremos esse para além daquilo que Michel Foucault chamou, segundo Gilles Deleuze, de Fora – algo que surge a partir de uma relação, de um acontecimento, e que nos potencializa. Algo que nos fissa e nos força a pensar por estar para além dos nossos estratos, daquilo que nos constitui (família, trabalho, sociedade, instituições, etc.), daquilo que reconhecemos ou poderíamos definitivamente explicar.

## **1 O DIÁRIO: UMA EXPERIÊNCIA NO HOSPÍCIO**

Afonso Henriques Lima Barreto (1881-1922) esteve internado no Casarão da Praia Vermelha (Hospício Nacional) do Natal de 1919 a 2 de fevereiro de 1920 (LUCAS. IN: BARRETO, 2004. p.7). Foi nesse período que escreveu um diário, conhecido por *Diário do Hospício*, em que nos conta suas experiências com a “loucura”. Essa foi a sua segunda internação no Hospital Nacional dos Alienados, fora internado pela primeira vez no hospício de 18 de agosto a 13 de outubro de 1914.

No entanto, Lima Barreto não conheceu esse tipo de intuição somente como paciente. O nosso escritor passou boa parte da sua infância em contato com os loucos, ou com as histórias dos loucos, na época em que seu pai trabalhava em um Hospital para Alienados. Tempos depois, curiosamente, seu pai foi tomado pela loucura, e mais adiante era ele mesmo, Lima Barreto, que se encontrava recolhido num hospício como um alienado.

Observamos que há muito nosso escritor convivia com a loucura, há muito ela o intrigava, poderíamos dizer até que há muito também a obra *Cemitério dos vivos* já se esboçava a ponto de não sabermos ao certo sua origem. Mas, voltemos ao diário, aos registros de Lima Barreto, das experiências diversas que se atualizaram na segunda estada no hospício.

Logo no início do diário, ficamos sabendo que Lima Barreto chega ao hospício pelas mãos da polícia: “Estou no Hospício ou, melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no pavilhão de observações, que é a pior etapa de quem, como eu, entra para aqui pelas mãos da polícia” (BARRETO, 2004. p. 19). O escritor, ao ser internado, fica junto de outros “doentes”, criminosos, miseráveis, revoltados. Ele é conduzido à área destinada aos indigentes e criminosos. Mas, por que ele está lá? Por que ele é destinado à reclusão?

### **1.1 A noção de periculosidade**

No século XIX, surge a noção de *periculosidade*, ela aparece quando “as punições não visavam mais ao que já foi realizado” (BRUNO, 2005. p.5), mas ao “que o indivíduo pode fazer” (Ibidem. p. 5). Passa-se ao momento de “um controle penal punitivo ao nível das virtualidades”, o que poderá ser realizado; assim, surgem os poderes paralelos ao poder judiciário (que deixa de ser uma instituição penal autônoma):

Surtem poderes paralelos ao judiciário: a polícia (para vigilância), as instituições psicológicas, psiquiátricas, criminológicas e pedagógicas (para correção). Todas essas instituições eram para corrigir virtualidades. Foucault denominou essa época de *idade de ouro da ortopedia social*. (Ibidem. p. 6)

No entanto, ainda poderíamos questionar “o que tem a ver uma noção criminal com doença”, “o que aproxima a idéia de *periculosidade* a Lima Barreto?”, ou até, “que relação há entre o nascimento da polícia e o nosso escritor?”

Devemos lembrar: Lima Barreto chegou ao hospício pelas mãos da polícia, foi considerado um indivíduo perigoso, louco, e, por isso, deveria ficar longe do resto da sociedade. Mas, por quê?

Sociologia, Psicologia, Criminologia, Psicopatologia, Psicanálise, segundo Foucault, “nasceram em ligação direta com a formação de um certo número de controles políticos e sociais no momento da formação da sociedade capitalista, no final do século XIX” (FOUCAULT, 1996b. p.12). Lima Barreto tinha há algum tempo problemas com o alcoolismo, faltava muito ao trabalho e costumava perambular pela cidade embriagado (“Resvalava para a embriaguez inveterada, faltava à repartição semanas e meses.” (BARRETO, 2004. p.39); sua família acreditava numa ciência que prometia a cura dos vícios, a restituição da clareza e do juízo (“Depois, disse-lhe que tinha sido posto ali por meu irmão, que tinha fé na onipotência da ciência e a credence do hospício. Creio que ele [o médico] não gostou.” (Ibidem. p. 22) e, ainda, o poder médico vinha se ampliando a cada dia. Esses fatores foram decisivos para que fosse internado em um hospício, Lima Barreto fugiu ao

controle de uma sociedade capitalista, ignorou publicamente as virtudes dela, enfim, tinha uma conduta irregular:

A prática do internamento, no começo do século XIX, coincide com o momento no qual a loucura é percebida menos em relação ao erro do que em relação à conduta regular e normal; no qual ela não mais aparece como um julgamento perturbado, mas como perturbação na maneira de agir, de querer, de ter paixões, de tomar decisões e de ser livre (...) (FOUCAULT, 1977. p.48).

Vimos que, a partir do século XIX, a definição de loucura se modifica, liga-se a desvios de conduta (a preguiça, os vícios, a ociosidade), a tudo que é considerado fora de uma postura normal numa sociedade. Assim, aparece a necessidade de controlar esses desvios, eliminá-los, impedir que eles se repitam e, junto a isso, surge a polícia, os manicômios, a Psiquiatria, a internação e a distinção daqueles que podem ou não serem livres:

O reconhecimento que permite dizer: este é um louco, não é um ato simples nem imediato. Repousa, de fato, num certo número de operações prévias e sobretudo neste recorte do espaço social segundo as linhas da valorização e as exclusão. Quando um médico acredita diagnosticar a loucura como um fenômeno da natureza, é a existência desse limiar que permite portar o julgamento da loucura. Cada cultura tem seu limiar particular e ela evolui com a configuração dessa cultura (...) (FOUCAULT, 1975. p. 89).

Foucault nos diz que “(...) a loucura encontra-se inserida no sistema dos valores e das repressões morais” (Ibidem. p. 84) e “(...) a doença só tem realidade numa cultura que a reconhece como tal” (Ibidem. p. 71). O que esse filósofo ressalta é que a loucura tem a ver com os valores de uma sociedade. Há diferentes formas de loucura, de definir a loucura, mas todas elas têm a ver com a configuração de uma cultura, suas linhas de valorização e de exclusão.

Assim, podemos nos perguntar: que cultura é essa em que surgem loucos altivos, com desejo perverso de poder, “manias de grandeza”, mesquinhos, como Lima Barreto diz: loucos com uma “presunção de inteligência e poder” (BARRETO, 2004. p.45)? A partir do que foi dito temos de responder: a nossa. Em que os sãos também se mostram presunçosos: “o avental, que no interior dos hospitais, se confunde com a tal esmeralda simbólica” (Ibidem. p.104); “Decididamente, a mocidade acadêmica, de que fiz parte, cada vez mais fica mais presunçosa e oca” (Ibidem. p. 22).

De acordo com Foucault:

(...) pode-se distinguir, segundo os tipos de punição privilegiados, sociedades de banimento (sociedade grega), sociedades de resgate (sociedades germânicas), sociedades de marcação (sociedades ocidentais do final da Idade Média), e Sociedades que enclausuram (a nossa?) (FOUCAULT, 1977. p.27).

Entre os tipos citados acima, parece-nos que o último tipo de punição é o que mais se aproxima do que encontramos na nossa sociedade. Pelo menos até o século XX, o momento que Lima Barreto escreve. E, se “O horizonte histórico das regressões psicológicas está então num conflito de temas culturais, marcados cada um por um índice cronológico que denuncia suas diversas origens históricas” (Ibidem. p. 93), os que estão em sua razão são também responsáveis pelo que chamam loucura e pelas práticas referentes ao seu tratamento:

(...) [a] organização teórica da doença mental está ligada a todo um sistema de práticas: organização da rede médica, sistema de detecção e profilaxia, forma de assistência, distribuição de cuidados, critérios de cura, definição da incapacidade civil do doente e de sua irresponsabilidade penal; em resumo, todo conjunto que define uma cultura dada a vida concreta do louco. (Ibidem. p. 91)

### **1.2 O seqüestro: a internação**

Descobrimos que das necessidades de punição e de controle de um tipo de sociedade, surgiram os hospícios, a noção de *periculosidade*, a Psiquiatria e todo um conjunto de práticas relacionadas à loucura. A partir de agora, veremos como elas funcionam (Foucault, 1978. p.488):

O asilo reduzirá as diferenças, reprimirá os vícios, extinguirá as irregularidades. Denunciará tudo aquilo que se opõe às virtudes essenciais da sociedade (...). A devassidão, o mau comportamento e a ‘extrema perversidade dos costumes’,

O hábito do vício como a da bebedeira, a galanteria ilimitada e sem escolha, o de um comportamento desordenado ou de uma despreocupação apática podem aos poucos desagradar a razão e levar a uma alienação declarada.<sup>1</sup>

No trecho acima, Foucault fala sobre a “função do asilo” e, em seguida, transcreve, em letras menores, o discurso do famoso médico Philippe Pinel, conhecido como o pai da psiquiatria, que aponta o alcoolismo, os vícios, como fatores que levam a uma loucura declarada.

Nesse momento, compreendemos por que Lima Barreto era classificado como perigoso: “(...) penetrei no pavilhão calmo, tranqüilo, sem nenhum sintoma de loucura, embora toda noite tivesse andado pelos subúrbios sem dinheiro, a procurar uma delegacia, a fim de queixar-me ao delegado” (BARRETO, 2004. p. 40):

Resvalava para a embriaguez inveterada, faltava à repartição semanas e meses. Se não ia ao centro da cidade, bebia pelos arredores da minha casa, desbragadamente. Embriagava-me antes do almoço, depois do almoço, até o jantar, depois deste até a hora de dormir. (Ibidem, 39)

Dessa forma, não restam dúvidas, conforme os critérios estabelecidos, desde o século XIX, para definir quem era louco e deveria ser internado, Lima Barreto não poderia escapar da reclusão. Além disso, o alcoolismo era uma das maiores causas de internação no Brasil, em 1919, chegou a ser o primeiro motivo de reclusão. Continuemos nossa leitura, expondo como Esquirol<sup>2</sup> justifica, segundo Foucault, a necessidade de isolamento dos loucos:

Para justificar o isolamento dos loucos, Esquirol dava cinco razões principais; 1) assegurar sua segurança pessoal e a das suas famílias; 2) liberá-los das influências externas; 3) vencer suas resistências pessoais; 4) submete-los à força a um regime médico; 5) impor-lhes novos hábitos intelectuais e morais. Vê-se tudo é questão de poder: dominar o poder do louco, neutralizar os poderes exteriores que podem se exercer sobre ele; estabelecer sobre ele um poder de terapêutica e de formação – de ‘ortopedia’. (FOUCAULT, 1977. p. 55)

E não foram essas as razões que justificaram a prisão de Lima Barreto?

Segundo Beatriz Resende; “No Rio de Janeiro, o doente mental também desfrutara de apreciável tolerância até passar pelo seqüestro exigido a partir do século XIX.” (RESENDE. p. 1993. p. 177). Observamos que as “(...) as técnicas ou procedimentos praticados nos hospícios do século XIX – o isolamento, o interrogatório privado ou público, os tratamentos-punições como a ducha, as entrevistas de cunho moral (...)” (FOUCAULT, 1977. p. 49) também vêm para o Brasil,

<sup>1</sup> Obs.: O trecho em tamanho menor que o da citação indica a mudança de interlocutor, esse é o momento em que FOUCAULT cita PINEL.

<sup>2</sup> Beatriz Resende, em seu artigo de 1993, já cita esse exemplo de Foucault e a idéia de seqüestro de Lima Barreto, portanto, nos baseamos, parcialmente, neste tópico (1.2), em seu texto.

citamos aqui o caso da ducha: “Da outra vez que fui para casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote” (BARRETO, 2004. p. 21).

No século XX, já é possível avaliar os efeitos das prescrições de Esquirol:

‘o puro poder do médico – diz Besaglia, contatando, no século XX, os efeitos das prescrições de Esquirol – aumenta tão vertiginosamente quanto diminui o poder do doente; esse, pelo simples fato de estar internado, torna-se um cidadão sem direitos, entregue à arbitrariedade do médico e dos enfermeiros que podem fazer dele o que quiserem sem possibilidade de apelo’ (FOUCAULT, 1977).

Esses efeitos aparecem no Hospital Nacional dos Alienados, recordemos como Lima Barreto é tratado logo quando chega ao hospício: “Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão.” (BARRETO, 2004. p. 19); vejamos o que ele diz dos guardas: “Os guardas em geral, principalmente os do pavilhão e da seção dos pobres, têm os loucos na conta de sujeitos sem nenhum direito a um tratamento respeitoso, seres inferiores, com os quais eles podem tratar e fazerem o que quiserem.” (Ibidem. p. 58). Fora isso, há o medo que o escritor mesmo expressa do “poder médico”, o alienista da Seção Pinel, para ele: “É capaz de ler qualquer novidade de cirurgia aplicada à psiquiatria em uma revista norueguesa e aplicar, sem nenhuma reflexão preliminar, num doente qualquer.” (Ibidem. p.30)

Como Foucault (1996a) afirma: toda sociedade controla, seleciona, organiza e redistribui certo número de procedimentos, e, em uma sociedade como a nossa, são visíveis mecanismos de exclusão. Percebemos que, no século XX, no Brasil, a loucura foi separada e rejeitada na forma do confinamento, da marginalização, e a internação no hospício se tornou uma mecanismo de controle, uma prática eficaz, contra aqueles que destoaram da conduta regular e “normal” da sociedade. Enfim, a loucura funcionou, antes de tudo, como dispositivo de controle.

## **2 A CONVERGÊNCIA DE DOIS MUNDOS: O DIÁRIO E O ROMANCE**

O romance, assim como o diário de Lima Barreto, é narrado em primeira pessoa. No diário, Lima Barreto registra suas experiências durante sua estada no hospital para alienados e faz comentários. Conforme havíamos citado, não era a primeira vez que era levado para lá, nem era este o seu primeiro contato com a loucura. Seu pai havia sido funcionário das colônias de alienados na Ilha do Governador e Lima Barreto passou boa parte da infância e adolescência cercado por loucos. Mas, como se fosse destino, seu pai adoeceu e tornou-se também um alienado. Por fim, ele mesmo foi enclausurado num hospital do tipo. Dessa relação dolorosa com a loucura nasce o romance.

No romance, o personagem Vicente Mascarenhas fala sobre sua vida com a família, com a esposa, a morte desta e o impacto desse acontecimento. Ele tenta explicar o que o levou ao alcoolismo e, por consequência, à internação. De forma semelhante a Lima Barreto, Mascarenhas narra suas experiências com a loucura.

Nesse momento, destacaremos alguns dos muitos pontos de convergência entre o *Diário do hospício* e *Cemitério dos vivos*.

Primeiro a chegada de Lima Barreto ao hospício:

Estou no Hospício ou, melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no pavilhão de observações, que é a pior etapa de quem, como eu, entra para aqui pelas mãos da polícia. (BARRETO, 2004. p. 19)

Comparemos com a de Mascarenhas:

Entrei no hospício no dia de Natal. Passei as famosas festas, as tradicionais festas de ano, entre quatro paredes de um manicômio. Estive no pavilhão pouco tempo,

cerca de vinte e quatro horas. O pavilhão é uma espécie de dependência do hospício a que vão ter os doentes enviados pela polícia, isto é os tidos e havidos por miseráveis e indigentes, antes de serem definitivamente internados. (Ibidem. p.151)

Ambos entram no hospício pelas mãos da polícia, num dia de natal, e por isso ficam no pavilhão de observação. Vamos cotejar o tratamento que receberam:

Lima Barreto:

Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de nos cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. (Ibidem. p. 19)

Deram-me uma caneca de mate e, logo em seguida, ainda dia claro, atiraram-me sobre um colchão de capim com uma manta pobre, muito conhecida de toda a nossa miséria. (Ibidem. p. 20)

Vicente Mascarenhas:

Em lá chegando, tiraram-me a roupa que vestia, deram-me uma da ‘casa’, como lá se diz, formei em fileira ao lado de outros loucos, numa varanda, deram-me uma caneca de mate e grão e, depois de ter tomado essa refeição vespéral, meteram-me num quarto-forte. (Ibidem. p. 154)

Tanto Lima Barreto quanto Mascarenhas passaram por um ritual ao entrar no hospício, como a internação, em que despiram de todas as suas singularidades para fazer parte de uma massa indiscernível de loucos. Outras situações constrangedoras vividas por Lima Barreto também são descritas por Mascarenhas de forma semelhante, como, por exemplo, quando teve que limpar o hospício e tomar banho nu diante de todos, sem qualquer escolha:

Lima Barreto:

Da outra vez, fui para casa forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. (...) Quando baldeei, chorei (...).(Ibidem. p.21)

Vicente Mascarenhas:

(...) o guarda que veio nos abrir a porta deu-me uma vassoura e um pano com que eu ajudasse a ele e outros a baldear o quarto-forte e a varanda (...) Depois de lavado o banheiro, intimou-nos o guarda (...) a tomar banho [com ducha de chicote]. Tínhamos que tirar as roupas e ficarmos, portanto, nus, uns face aos outros. Quis ver se o guarda me dispensava, não pelo banho em si, mas por aquela nudez desavergonhada, que me repugnava, tanto mais as outras dependências nos viam. (Ibidem. p. 156-7)

Em comum também há o fato de os dois serem postos no hospício pela família, Lima Barreto pelo irmão e Mascarenhas pelo sobrinho, que acreditava na cura da ciência:

Lima Barreto:

Depois, disse-lhe que tinha sido posto ali por meu irmão, que tinha fé na onipotência da ciência e a credence do hospício. Creio que ele [o médico] não gostou. (Ibidem. p. 22)

(...) eu fora lá remitido, como sujeito sem eira nem beira, devido a tolice dos meus parentes (...). (Ibidem. p. 59)

Vicente Mascarenhas:

Recordei-me um pouco da casa de meu sobrinho, da sua infantil mania de supor que o hospício me curava e de supor que era o álcool e as companhias que me punham a delirar. (Ibidem. p. 184)

Além disso, podemos perceber o medo que os dois escritores demonstraram do “poder médico” nas situações de isolamento:

Lima Barreto:

[O alienista da Seção Pinel] É capaz de ler qualquer novidade de cirurgia aplicada à psiquiatria em uma revista norueguesa e aplicar, sem nenhuma reflexão preliminar, num doente qualquer. (Ibidem. p. 30)

Vicente Mascarenhas:

O terrível nessa coisa de hospital é ter-se de receber um médico que nos é imposto e muitas vezes não é da nossa confiança. (Ibidem. p. 229)

Sentia, não sei porquê, nesse rapaz, um grande amor à novidade, uma pressa e açodamento, muito pouco científicos, em experimentar o ‘remédio novo’. (...) Essa sua falta de método, junto a minha condição de desgraçado, davam-me o temor de que ele quisesse experimentar em mim um processo novo de curar alcoolismo em que se empregasse uma operação melindrosa e perigosa. (Ibidem. p.230)

Citamos diretamente alguns pontos de convergência entre as experiências de Lima Barreto e do personagem narrador do romance no hospício, por considerá-los importantes para justificar o que foi dito na primeira parte deste trabalho sobre a vida daqueles que são isolados em hospitais psiquiátricos.

No entanto, não é somente isso que Mascarenhas e Barreto têm em comum. Ambos eram escritores, não possuíam o reconhecimento que desejavam e foram obrigados a publicar em revistas que consideravam medíocres (“A minha pena só me pode dar dinheiro escrevendo banalidades para revistas de segunda ordem”) (Ibidem. p. 61), publicaram livro, sofriam com o alcoolismo e com problemas financeiros. E o mais importante, os dois queriam expor suas idéias, o que viram e experimentaram na relação com a loucura, os dois conservaram a interrogação necessária sobre o que não há resposta.

### **3 O PARA ALÉM: UMA OBRA**

Não quero morrer, não; quero outra vida.

Lima Barreto

O que todos julgam é que a coisa pior do manicômio é o ruído, são os desatinos dos loucos, o seu delirar em voz alta. É um engano. (...) o horror misterioso da loucura é o silêncio, são as atitudes, as manias mudas dos doidos.

Vicente Mascarenhas

Da relação do nosso escritor com a loucura nasce uma obra. Não nasce um escritor, nasce uma obra. Após a leitura do diário e do romance alguns ainda irão perguntar: “por que o romance?”

não bastariam os relatos e comentários de Lima Barreto? não é a mesma coisa?”. Contudo, tal questão não é pertinente (além de trazer um falso problema ligado a um desejo de realidade jornalística) e não faz justiça à seriedade da interrogação que se esboça no diário (parte de um processo) e se desenvolve no romance (infelizmente inacabado) sobre o universo infinito da loucura.

Todos sabem que há sempre algo de ficcional mesmo em um diário ou uma autobiografia, ainda mais num diário como esse de Lima Barreto que apresenta indícios de que serviria de base para um futuro romance. O escritor chega muitas vezes a utilizar o nome do personagem no lugar do seu em seus registros e comentários. O mesmo acontece no romance, há sempre elementos de uma realidade conhecida que se desdobram em outras realidades verdadeiras, mesmo que não visíveis, e o diário faz parte do processo. No romance, Lima Barreto trabalha com idéias, com o propósito de “examinar a certeza da ciência” (Ibidem. p. 123), “diante de uma misteriosa interrogação sem resposta. Onde vem isto?” (Ibidem. p. 179).

Parece-nos que nosso escritor quer, como o personagem Vicente Mascarenhas, pôr nessa obra alguma coisa de suas meditações (“queria pôr nessa obra alguma coisa da minha meditações” (Ibidem. p. 170). No romance, desdobram-se as idéias e reflexões contidas no diário, Lima Barreto vai além das suas experiências pessoais e traça um perfil do tratamento da loucura no Brasil, e ainda vai mais longe: busca compreender a loucura, a natureza, os fatos por si. Há nele o que falta a um médico que o examinou:

Ele [Henrique Roxo]me pareceu desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si. Acho-o muito pouco interessado em descobrir, levantar o véu do mistério – que mistério! – que há na especialidade que professa. Lê livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza. (Ibidem. p.22)

Lima Barreto quer levantar o véu, faz de sua estada no hospício um momento de reflexão, não ignora o silêncio de uma pergunta sem resposta, aquilo que na relação com a loucura o força a pensar: “Onde vem isto?”

(...) pela loucura que a irrompe, uma obra abre um vazio, um tempo de silêncio, uma questão sem resposta, provoca um dilaceramento sem reconciliação onde o mundo é obrigado a interrogar-se. O que existe de necessariamente profanador numa obra retorna através disso e, no tempo que essa obra desmoronou no silêncio, o mundo sente sua culpabilidade. (FOUCAULT, 1978. p. 529-30)

Da loucura que a irrompe, uma obra abre um vazio, faz pensar. É o que nos diz Foucault, em *História da loucura*, no belíssimo capítulo “O círculo antropológico”. Nele, Foucault comenta os caos de Artaud, Nietzsche, Van Gogh e outros, e sustenta que o espaço de nosso trabalho é a loucura que a obra **reduz**, que a obra **afasta**; sustenta que onde há obra não há loucura:

A loucura que a obra soçobra é o espaço de nosso trabalho, é o caminho infinito para triunfar sobre ela, é a nossa vocação, misto de apóstolo e de exegeta. É por isso que pouco importa saber quando se insinuou no orgulho de Nietzsche, na humildade de Van Gogh, a voz da primeira loucura. Só há loucura como instante último da obra – esta a empurra indefinidamente para os seus confins; *ali onde há obra, não há loucura* (...) (FOUCAULT, 1978. p. 530)

Ao desenvolver essa idéia, o filósofo francês trabalha a noção de *ausência de obra*:

A loucura de Artaud não se esgueira para os interstícios da obra; ela é exatamente a *ausência de obra*, a presença repetida desta ausência, seu vazio central



experimentado e medido em todas as suas dimensões, que não acabam mais.  
(FOUCAULT, 1978. p. 530)

Para Foucault, a obra pode nascer nos limiares da loucura, é uma experiência perigosa, é claro; mas se o mergulho na loucura é total, não há uma obra e sim um vazio, um silêncio. E, para explicar isso, ele faz uma das mais belas homenagens que já vimos a Nietzsche, Foucault ressalta a importância do pensamento do filósofo conhecido por suas marteladas e diz que, somente quando mergulha na loucura, o martelo cai das suas mãos:

é bem o próprio aniquilamento da obra, aquilo a partir do qual ela se torna impossível, e onde deve calar-se; o martelo acabou de cair das mãos do filósofo.  
(FOUCAULT, 1978. p. 529)

Foucault diz “ali onde há obra, não há loucura”. Devemos compreender, pensar a obra e não ficar questionando o que é válido ali ainda ou não, onde começou a loucura e, logo, por consequência, o que deveria ser desconsiderado. Mas, Foucault não pára por aí na sua crítica, completa sua análise, afirmando que o vazio deixado pela loucura, o silêncio de uma questão sem resposta provoca um dilaceramento sem reconciliação e o mundo é obrigado a interrogar-se. Assim, lá onde cessa a obra, ainda permanece a questão: “por quê?”.

Lima Barreto movido pelo desejo de entender o mistério, a loucura, escreve o romance *O cemitério dos vivos*. Mas sua obra segue para além dele, e isso o próprio narrador de romance nos confirma:

Não tinha chegado ao mistério, ao espesso mistério impenetrável, em nós e fora de nós. Isto que escrevo, agora, aqui não será propriamente meu; mas o germen que havia em mim não fez mais que se desenvolver mais tarde com adubo das idéias dos outros. (BARRETO, 2004. p. 162)

Esse romance narra a história de um homem que depois da morte da esposa se transforma em um alcoólatra e acaba no hospício. Com problemas financeiros e de reconhecimento, sua vida foi sempre difícil. Embora tenha estudado, seja um homem inteligente e servidor público é internado como indigente no hospício pelo próprio sobrinho. Essa história, tirando a esposa que se sabe que Lima Barreto não tinha, é muito parecida com a história não-ficcional do nosso escritor. Contudo, vai além dela, é o germen desenvolvido com o adubo das idéias dos outros, idéias atualizadas e desenvolvidas em personagens que já são mais do que ele.

*Cemitério dos vivos* é um romance que triunfa sobre a loucura, sobre a razão da ciência, é uma grande interrogação diante do silêncio de uma resposta. “Isto que escrevo, agora, aqui não será propriamente meu”, diz belissimamente Lima Barreto. O que ele disse continuou se desdobrando adiante, e no limiar entre razão e loucura nasceu a obra.

## **Conclusão**

Se a loucura faz cessar uma obra, ela também estabelece um silêncio profundo que nos força a pensar. Parece que foi isso que aconteceu com Lima Barreto. Diante do não-senso, da ausência de resposta em face da loucura, nasceu a interrogação, a necessidade de pensar.

A ausência de obra: Nietzsche, que fazia sua filosofia à martelada, deixa o ‘martelo cair’. Mas quando sua filosofia começa a desmoronar? Quando mergulha inteiramente na loucura. E o que permanece? O silêncio e uma inquietação: Por quê?

“Por que a loucura?”, diante dos delírios, das demonstrações de loucura, Lima Barreto também faz essa pergunta; mas sabe que não há resposta, nenhuma voz soa trazendo-lhe explicação, só há um profundo mistério, uma interrogação que insiste. Daí surge uma obra, daí *Cemitério dos*

*vivos*, daí toda criação. Este romance inacabado de Lima Barreto nos força a pensar sobre a loucura, como ela se desenvolve, que relações de poder ela comporta. A obra desse autor empurra a loucura para longe, não só a loucura que uma sociedade nomeia, mas a que ela esconde: o desejo de poder, de tudo controlar, de superioridade da ciência.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos*. Organização e notas Diogo Holanda. Prefácio Fábio Lucas. São Paulo: Planeta do Brasil, Edições Biblioteca Nacional, 2004.
- [2] BRUNO, Mário. A vida impolítica convertida em fundamento. In: *Os limites da clínica: a prática do psicólogo no Sistema Judiciário*. Rio de Janeiro: EMERJ, 2005.
- [3] FOUCAULT, Michel. *Doença mental e psicológica*. Tradução: Lílían Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- [4] \_\_\_\_\_. *Resumo dos cursos do Collège de France*. (1970-1982) Tradução: Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.
- [5] \_\_\_\_\_. *História da loucura*. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- [6] \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Tradução: Laura Fraga de Oliveira Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996a.
- [7] \_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução: Roberto Cabral de Mello e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996b.
- [8] RESENDE, Beatriz. Diário do hospício: a crônica da loucura. In: \_\_\_\_\_. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

---

## **AUTORA**

<sup>1</sup> **Isabelle Meira CHRIST, Mestranda**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

[isabelllemchrist@yahoo.com.br](mailto:isabelllemchrist@yahoo.com.br)